

Lídia Jorge

O AMOR EM LOBITO BAY

Contos



ÍNDICE

O Amor em Lobito Bay	11
Overbooking	29
O Tempo do Esplendor	51
Imitação do Êxodo	65
Passagem para Marion	81
Um Rio Chamado Mulher	103
Novo Mundo	117
Dama Polaca Voando em Limusine Preta	145
O Poeta Inglês	163

O AMOR EM LOBITO BAY

A nossa casa em Lobito Bay estava coberta por telhas de barro. Outras moradas tinham telhados de zinco, lisos e resplandecentes, e outras tinham-nos de colmo, amplos e bicudos como se fossem chapéus de palha. Intercaladas ao acaso, as diferentes espécies de cobertura não implicavam qualquer distinção, em matéria de ordenamento, diante da linha do mar. Apenas atestavam a origem dos habitantes, falavam da sua resistência ao calor e à incidência do sol sobre o tapete de areia e a superfície das águas, ou simplesmente testemunhavam como os percursos das nossas famílias, ao longo da Terra, haviam sido diferentes.

Alguns como nós tinham vindo da zona norte do Atlântico e precisavam de sombra. Outros tinham vindo do Mediterrâneo e precisavam de pátios. Muitos provinham do Índico e precisavam de esteiras. Os naturais da região não precisavam de quase nada. Tinham o sol, a água, as frutas e a oferta do mundo original.

Mas se alguma diferença se estabelecia entre os pescadores e suas mulheres, umas de pele mais escura, outras de pele mais clara, ela esbatia-se por completo no bando indistinto que os seus filhos formavam, ao fim da tarde. Lembro-me como se fosse hoje. Em Lobito Bay, quando o sol começava a declinar, e os barcos partiam em busca de pescaria, nós, os filhos dos pescadores, abalávamos na direcção do baldio, e aí corríamos juntos como se fôssemos irmãos, filhos legítimos de um primitivo e único homem do mundo.

Disse o professor, quando nos sentámos à volta da mesa.

Sim, como se fôssemos filhos indistintos do primeiro homem do mundo, formávamos um bando de irmãos em plena competição por nada, acrescentou o professor. Nessa espécie de demanda pela velocidade, a causa que nos movia era mais forte do que o objectivo. Melhor dizendo, entre nós, a causa confundia-se com o objectivo, e uma e outro realizavam-se em conjunto e num único lance. Em conjunto tomávamos pose, em conjunto nos preparávamos. Como se a corrida fosse um acto oficial e derradeiro, na hora da largada ficávamos tensos, ajustando com desvelo milimétrico os calcanhares nus à linha desenhada no chão. Concentrados, sérios, contidos, mal ouvíamos o sinal de partida, abalávamos numa corrida louca, vendo as pernas dos mais velhos desaparecerem à

nossa frente. Os mais ágeis de entre os mais jovens iam-lhes no encalço, ganhando distância, enquanto os mais novos e menos ágeis iam ficando para trás, cada vez mais para trás, sem no entanto perdermos o sentimento de alegria por estarmos lançados numa corrida onde só os mais altos e lesto poderiam ser vencedores. Para nós, os mais novos, bastava estarmos incluídos no número dos trinta corredores de fundo que percorriam a faixa do baldio, estendida ao longo da margem, para nos sentirmos orgulhosos das nossas vidas, disse ele.

De resto, éramos inocentes de tudo o que dissesse respeito à terminologia atlética. Não conhecíamos a palavra *sprint*, tão-pouco palavras como *match* ou *team* faziam parte do nosso vocabulário escasso, uma espécie de denominador mínimo, apurado por subtracção entre as várias falas dos nossos pais. É verdade que por essa altura Frank Shorter se tinha transformado no rei das corridas e a palavra *jogging* havia-se espalhado pelos quatro cantos do mundo, mas entre nós, sem televisão e sem jornais, nem sequer a palavra *atleta* era um termo que se usasse. Já o mencionei, nada disso nos dizia respeito, nós não confundíamos as palavras com os actos, nós apenas queríamos correr. Como desde sempre, como desde o princípio do mundo, desejávamos apenas ser únicos, e desejávamos pertencer. Pertencer ao bando de rapazes cujos pés levantavam voo sobre a areia, queríamos fazer parte daqueles que tinham asas nos pés, asas nos braços, asas por todo o corpo, sermos alguém entre

eles, era tudo o que mais queríamos. No final da corrida, podia ser-se o penúltimo, ou mesmo o último, que não importava. Que se compreenda. Quando eu era criança em Lobito Bay, não se estava vivo se não se corria. Disse o professor. Correr apenas correr por correr, galgar a distância no meio dos outros, fazer parte de uma prova de velocidade colectiva, era tudo o que se pretendia, independentemente de quem ia atrás ou à frente, de quem caía e ficava ensanguentado, ou de quem atingia a meta com os braços no ar e se declarava vencedor. No nosso mundo, nem havia vencedor. Apenas havia corredor. Corredor de fundo. Ser e pertencer, essa era a única ordem implícita na competição em desordem que nos envolvia. Como se fôssemos um bando de pássaros rebeldes, que em vez de fazermos exercícios de fuga no céu, preferíssemos fazê-los em terra.

Porque não dizê-lo? Disse o professor.

É verdade que por vezes ouvíamos detonações a rondarem o espaço aberto de Lobito Bay, e tínhamos notícia de que para além da vegetação rala, existiam uns libertadores que um dia viriam dar-nos o que não tínhamos. Ouvíamos tiros disparados ora mais longe ora mais perto, mas nada disso nos dizia respeito. Que disparassem. O que nos inquietava era o movimento inexplicável dos bandos de aves que passavam na nossa frente. Porque faziam voltas em conjunto, os pássaros,

sem nunca se enganarem? Qual deles liderava o bando, e como era escolhido? Como se distinguiam? Porquê aquele V aberto se voavam baixo, e aquele V agudo se voavam alto? Porquê aquela reviravolta súbita na rota, quando iam em linha recta? E que espécies eram aquelas que formavam os bandos, que ao longe não se distinguiam? Enquanto pelo chão, ao alcance do nosso discernimento, passarinhavam pardais, corvos, garças. Nos charcos, deambulavam os pássaros – o secretário, as gaivotas e as grandes pernaltas, o íbis vermelho, o flamingo rosado. Mas o pássaro mais amado pelo grupo dos rapazes da zona de fronteira na cidade de Lobito, a que chamavam Lobito Bay, era outro.

Era uma ave pequenina, fugidia, uma avezita de arribação que ora estava ora não estava. Era a andorinha. Disse o professor, enquanto nos serviam o primeiro prato.

Havia razões para isso, acrescentou o professor. O pássaro favorito dos miúdos em Lobito Bay era a andorinha porque voava baixo, porque não tinha peso, porque se deslocava de tal modo rápido que não parava para se alimentar. Porque voava de bico aberto, feito um funil, para engolir os insectos no ar, seguindo viagem sem perder um instante. Há muito que se sabia que ela era o rei dos corredores, e tanto assim que entre o grupo dos mais velhos propagara-se um certo segredo que não

contavam a ninguém. Só que o rapaz mais alto e mais ágil, aquele que mais levantava o braço junto da meta, certo dia, estando alguns de nós sentados na restinga, escutando os tiros dos libertadores ao longe, esqueceu-se que eu era um dos mais novos e confessou o segredo. Era certo e seguro. Corria o rumor de que aquele que comesse o coração de uma andorinha apanhada em pleno voo, tornar-se-ia o maior corredor do mundo. Por isso, ele, o mais ágil, já tudo tinha feito para caçar uma andorinha viva. O grande sonho estava estampado no seu rosto.

Encontrávamo-nos sentados na areia, a olhar para a estrada, e todos alimentavam a mesma certeza. Quem comesse o coração da andorinha. Quem comesse. A questão é que decorria o mês de Março, e as andorinhas em breve iriam partir. Aproximava-se a Primavera na Europa, dentro de uns quinze dias machos e fêmeas já teriam abandonado os ninhos, e até àquele momento, nenhum dos corredores havia apanhado uma só andorinha que fosse. Aquelas aves pareciam ter adivinhos nas asas. Mal os seres humanos se aproximavam dos ninhos, logo elas se escapavam fugindo como setas negras, disparadas para o ar. Passava pela cabeça do mais ágil pedir um dia ajuda aos libertadores para apanhar à mão uma andorinha viva. Ah! Quem comesse o coração de uma andorinha. Quem comesse. E eu próprio comecei a sonhar com essa captura impossível.

Disse o professor, iniciando o seu prato, quando já todos havíamos deposto as facas e os garfos. Tínhamos convidado o professor, queríamos aprender com o professor.

Sim, eu próprio sonhei com essa captura impossível. Disse ele. Era dos que ficavam estatelados no chão antes de atingir o meio da corrida. Não raro, as mãos sangravam-me, o queixo ficava esfolado, dos joelhos escorria sangue. Mesmo assim, levantava-me rápido, e enquanto a carne estivesse quente, e não sangrasse demais, eu prosseguia a corrida. Uma vez terminada, não me pronunciava. Quando regressava, sentava-me debaixo da grande tipuana que ladeava o terraço, feito mudo. A nossa mãe, porém, sabia o que se passava. Silenciosa, aproximava-se com uma bacia de água morna e um pano branco aos ombros, debruçava-se sobre os meus joelhos e iniciava a operação de limpeza das feridas. Com uma pinça aguçada, retirava os grãos de areia um a um, depois pincelava-lhes por cima tintas vermelhas que alargavam o aparato visual das escoriações, dando-lhes o terrível aspecto de chagas. Por fim, testemunhando os meus esforços bárbaros, e o meu estoicismo vão, a minha mãe abanava a cabeça – «Desiste, rapaz, cada um nasce para o que nasce. Não nasceste para corredor de fundo, está visto. Desiste lá...» Mas eu não desistia, disse o professor. E num desses dias que se seguiram ao desastre monumental de uma escorregadela na areia, tendo vários dos

meus companheiros galgado por cima do meu corpo, amassando-me bem amassado sob os seus pés, deu-se um milagre em Lobito Bay.

Aconteceu ao fim da tarde, já muito perto da noite.

É verdade que, volta e meia, ao anoitecer, chegava até nós o som daqueles estoiros secos, os tiros dos libertadores, mas semelhante actividade não representava perigo algum, pois as detonações partiam não só de gente que desejava libertar alguém, como ainda por cima, constasse o que constasse, essa libertação acontecia a uma distância apreciável. Então não era necessário pensar duas vezes. Se na cozinha havia falta de azeite e vinagre, e eu era o único filho disponível, seria eu quem iria até à cantina, um armazém abarracado que ficava no último extremo da estrada. Os tiros partiam de muito longe. Para lá, fui numa corrida e nada de especial aconteceu. Foi só no regresso que se deu o caso extraordinário. Pois quando caminhava a passo, os pés enterrados na areia, de súbito, um pequeno corpo alongado, de cor azul andorinha, caiu-me aos pés.

Incrédulo, levei os olhos ao chão e o pequeno corpo fusiforme, que tinha tombado na minha frente, era mesmo uma andorinha. Uma andorinha estropiada, de pernas partidas, tombada de lado, agitando sobretudo uma asa, a cabeça bicuda a querer em vão erguer-se. Inacreditável. Tratava-se de uma verdadeira andorinha azul,

que ali estava esperneando no chão, só para mim. Tão verdadeira ela era que, naquela luz amarelada do ocaso africano, parecia preta preta como nas lendas. As asas pretas, a barriga branca, o pequeno bico amarelo, era tudo real e verdadeiro. Olhei à volta, estava sozinho, o mar em frente consentia, e por cima a abóbada celeste, quase escura, também. Não havia como não concluir. A andorinha era minha, só minha, e tinha caído do céu. Tinha tombado, por certo, em resultado de um impacto contra os fios eléctricos que riscavam um traço contínuo ao longo da estrada e se perdiam no além, mas para mim, aquele pássaro tinha caído do céu a prumo para ser meu. As garrafas de vinagre e azeite, metidas no saco, ficaram sob o meu braço. A andorinha, acetinada e imóvel, ficou fechada entre os meus dedos.

Segurando a andorinha contra o peito, corri na direcção de casa, disse o professor, quando já voltavam a servir-nos o vinho e o segundo prato. Por que razão não queria servir-se o professor?

Ele disse. Sim, corri na direcção de casa, entrei na cozinha onde a minha mãe, apreensiva pelo meu atraso, me esperava, mas antes que ela pudesse dizer-me o que quer que fosse, e antes de eu lhe entregar as garrafas, estendi-lhe as duas mãos fechadas sobre a andorinha. Contei o que tinha acontecido, contei mal sustendo o fôlego, expliquei como desejava proceder com aquela

andorinha que o acaso me havia enviado. Expliquei em sobressalto, doido de emoção e alegria, quanto precisava de comer o coração daquele pássaro.

A minha mãe sentou-se, pediu-me que abrisse as mãos, que lhe mostrasse o pássaro que me caíra aos pés. Ela mesma tomou a andorinha na mão, avaliou-lhe as chagas, passou-lhe a mão por cima, e perguntou o que tencionava eu fazer.

«Comer-lhe o coração» – disse eu.

«E como vais proceder?» – perguntou a minha mãe.

Fui directo e claro, triunfante – «Primeiro corto-lhe o pescoço, depois tiro-lhe as penas do peito, depois, com a nossa faca de trinchar, retiro-lhe o coração do peito. Depois, pego no coração e como-o...»

Eu repetia os passos que ouvira ao meu colega mais velho.

«Comes o coração da andorinha, assim, cru, tal como está dentro dela?» – quis saber a minha mãe.

«Sim» – disse eu. «Quem comer o coração de uma andorinha apanhada viva há-de ser o maior corredor do mundo. Eu vou ser o maior corredor do mundo, mãe.»

A minha mãe mantinha o animal sinistrado entre as suas mãos, e não se movia, nem temperava o jantar. Encontrávamo-nos fechados na cozinha, por minha exigência, para que o pássaro, num eventual alento de recuperação, não se escapasse por qualquer frincha de porta ou janela. Entretanto, eu já tinha procurado a faca. Curta e pesada, um cutelo de trinchar. Agitei-o no ar, eu

podia com ele. Podia manejar o cutelo. E avancei para a andorinha.

Então a minha mãe começou a dizer que me compreendia muito bem, que se tratava de um bom plano, um plano muito eficaz, mas sendo já tão tarde, e estando o meu pai para chegar e também os meus irmãos, de quem já se ouviam as vozes lá fora, para que tal cerimónia acontecesse com tranquilidade, o melhor seria esperar pelo dia seguinte. No dia seguinte, quando o pai ainda estivesse no melhor dos sonos, e os meus irmãos ainda não tivessem acordado, então eu poderia proceder como tinha previsto. Sim, com calma, eu poderia matar a andorinha, retirar-lhe-ia o coração do peito, e comê-lo-ia em paz, como estava previsto. Entretanto, a andorinha seria fechada dentro de uma caixa de sapatos até à manhã seguinte, e a caixa ficaria bem guardada dentro do meu quarto.

«E se foge?» – perguntei eu, suspeitoso, exaltado.

«Pois como pode fugir, se tu mesmo a guardas?»

«Mãe, esta noite eu não me quero deitar.»

«Porque não?»

«Mãe, esta noite eu não quero comer.»

E assim me tranquei no quarto, sem jantar, e deitei-me e não adormeci a olhar para a caixa de sapatos. Na tampa da caixa, a minha mãe tinha feito umas perfurações finas para que o pássaro pudesse respirar. Depois colocara-a sobre a mesa-de-cabeceira, ao alcance da minha mão, com cuidado, como se fosse um cofre.

Não e não. Eu não iria dormir, ainda que as pálpebras me pesassem como chumbo. Até que me pesaram tanto que se fecharam por um breve instante. Ou um longo instante, velando sempre. Mas na manhã seguinte, quando acordei, abri a caixa e a andorinha já lá não estava.

Disse o professor, pousando o talher sobre o último prato.

Sim, a caixa encontrava-se vazia, a tampa levantada, e a andorinha tinha voado. Os meus gritos acordaram a casa inteira. Quem me tinha roubado a andorinha? Se ninguém a roubara, então como se tinha escapado? Como poderia ter acontecido, se estava moribunda e paralisada, quando a minha mãe e eu a tínhamos visto pela última vez, antes de fecharmos a caixa? E mesmo que se tivesse curado durante a noite, como é que o pássaro tinha tido força suficiente para arredar a tampa? Para fechar a tampa? E por onde voara, se a janela se encontrava fechada, e a porta do quarto também? Diante do meu pai e dos meus seis irmãos, todos em pé, de madrugada, a olharem para mim, as minhas perguntas eram lógicas, mas a resposta era só uma em relação à andorinha. Fizesse eu o que fizesse, eu não cortaria o seu pescoço escuro com uma faca, não arrancaria as penas do seu peito branco, não retiraria o coração daquele peito, não comeria o coração da andorinha. O pássaro tinha desaparecido, toda a minha esperança tinha

desaparecido, só o cutelo, o pesado facão que eu sonhara manejar na noite anterior, com golpes certos, esse ali estava pousado sobre a pedra da cozinha. As lágrimas que eu deitava, a olhar para o instrumento, caíam em cascata. Ainda por cima, todos os meus irmãos tinham passado a conhecer o meu desejo guardado até então com tanto recato. Tinham ficado a conhecer a minha esperança secreta de vir a ser um corredor, o maior corredor do mundo, e agora, naquela manhã, eram testemunhas do meu profundo descalabro. Os meus irmãos. E assim chorei durante vários dias não só pela perda em si mesma, mas sobretudo pela incapacidade de descobrir a chave do mistério do desaparecimento do coração do meu pássaro. Até que a vida mudou nas estradas de Lobito Bay.

Disse o professor, quando já não havia prato algum sobre a mesa.

A vida mudou inesperadamente em Lobito Bay, repetiu o professor, e todos já tínhamos compreendido que o professor repetia as palavras que mais lhe interessavam, como se fosse um poeta. Talvez o professor fosse um poeta, quando falava dessa espécie de paraíso que fora para ele o bairro que habitara nessa formosa cidade. Um poeta tocado pela beleza, pensávamos. Mas ele, sem conhecer as banalidades que nós pensávamos, continuou. De um momento para o outro,

a vida mudou em Lobito Bay como mudou em grande parte da Costa Ocidental e da Costa Oriental de África. Mudou na Metrópole, mudou na Europa e mudou no mundo. A mudança que vinha de longe, casada com a mudança que vinha de perto, a mudança radical, que nenhum de nós imaginava que viesse a caminho como vinha, tinha chegado. Foi assim. Essa mudança chegou a Lobito Bay na tarde em que vários carros em festa entraram pela cidade adiante, carregando homens munidos de armas que atiravam para o ar em actos de libertação.

O som dos tiros encheu Lobito Bay de alegria e de pólvora, e todos viemos para a rua conhecer o rosto dos libertadores. Era a mudança. Tanto tempo à espera sem os vermos, e agora eles ali estavam, os seus rostos reais, capazes de nos darem não sabíamos bem o quê, nem como se cumpriria a sua promessa, só sabíamos que eram capazes. Tanta força, tantos tiros. Nós, rapazes, em vez de corrermos pelo baldio, corremos pela estrada, atrás dos carros e dos tiros. Os carros levavam consigo, voando junto às espingardas, as insígnias do MPLA. Só que uma alegria nunca vem só. A seguir vieram mais carros e mais homens com mais armas e atiraram para o ar também. Também vinham em plena festa. Em seu redor também era tudo pólvora, força e alegria. Só que não era a mesma festa dos homens que já ali se encontravam. Agora era a festa daqueles que traziam as insígnias da FNLA. E nós também fomos para a rua para ver